

SEGUNDO DOMINGO APÓS PENTECOSTES (PRÓPRIO 5)

07 DE JUNHO DE 2026

OSÉIAS 5. 15-6.6

INTRODUÇÃO

Estamos no Segundo Domingo após Pentecostes, início do Tempo Comum. Algo que aprendi com pastores e mestres sobre esse tempo pode ser resumido na seguinte pergunta: “E agora, o que nos resta fazer?” É a pergunta com que a Igreja lida depois de contar a história do que Deus fez por nós. A resposta é continuar confiando no Senhor. Deus continua fazendo em nós, por meio do Espírito Santo.

As leituras nos direcionam justamente para isso. Mesmo em tempos de dificuldade, Deus continua sendo Deus e continua agindo em nós, seja por meio de momentos felizes ou até mesmo através da dor. Como em um casamento, na saúde ou na doença, um permanece com o outro. Assim também Deus permanece fiel ao seu povo.

Portanto, continuamos dizendo que a Igreja segue a Cristo, seu Senhor, confia nele e continua crescendo no conhecimento dele. Que Ele não permita que caiamos na ignorância, hipocrisia e falsas doutrinas. Mas continue a nos alimentar através da pregação fiel da Palavra de Deus e administração correta dos Sacramentos.

1 TEXTOS DO DIA

1.1 Salmo 119.65-72

Este trecho é apenas um recorte do imenso Salmo 119. Uma leitura feita às lentes da temática do dia evidencia um Deus que resgata aquele que andava perdido. O salmista lembra do seu passado, quando andava no caminho errado, mas Deus não se esqueceu dele. As aflições vieram para corrigi-lo, para que agora andasse no caminho certo. Os estatutos seguem a redenção. Ele direciona seus pensamentos para Deus não com rancor, mas com gratidão. Ele confessa: “Foi-me bom ter sido afligido, para que aprendesse os teus estatutos” (Sl 119.71).

1.2 Oséias 5.15-6.6

O povo de Deus, especialmente o Reino do Norte, preferiu se apegar à aliança a Assíria e ao Egito e com isso se apaixonou por seus costumes imorais e idolatria. Rejeitaram a Aliança feita com o verdadeiro e único Deus Todo-Poderoso. As palavras dos profetas não foram ouvidas, agora Deus está prestes a retirar o seu favor para com o povo. A “aliada” Assíria irá tomar Israel. O povo sofrerá a disciplina de Deus, mas isto não com o propósito de destruição, mas de restauração. Isto é para que o povo se arrependa e busque a face de Deus. Deus promete ao povo que virá libertá-lo e essa promessa os acompanhará no exílio. A mensagem de Oseias, embora predominantemente direcionada a Efraim, também fala em parte ao coração de Judá. A espera pelo advento do Senhor aponta para o Advento de Cristo e a esperança messiânica.

1.3 Romanos 4. 13-25

Às lentes da nossa temática, Paulo nos dá uma boa ilustração do que Deus espera para a vida do cristão. Há aqui um enorme contraste entre Israel e Abraão com Sara.

Enquanto Israel, tanto o Reino do Norte quanto o do Sul, recebeu a aliança de Deus como dádiva, tendo a Lei, os sacerdotes, os reis e os profetas, ainda assim constantemente se desviava do Senhor. Abraão e Sara praticamente começaram do zero, tendo apenas a promessa de Deus. Eles tiveram de deixar sua terra e sua parentela para trás. Sara enfrentava a esterilidade. Houve longos anos de espera. Abraão enfrentou provações, como a questão do sacrifício de Isaque, além dos desafios diante do Faraó e de outros acontecimentos difíceis ao longo da caminhada. Tudo isso pode ser visto como situações pelas quais Deus forjou e fortaleceu a fé de Abraão. Enquanto os sacrifícios do povo de Deus no Livro de Oséias não condiziam com sua vida, Abraão apresentou harmonia entre fé e obediência.

Talvez tenham existido longos períodos de silêncio, nos quais Abraão não ouvia o falar de Deus, também estava em espera pela promessa e mesmo assim permaneceu crendo. Paulo enfatiza justamente isso. “Esperando contra a esperança, creu”. Mesmo quando tudo parecia impossível aos olhos humanos, Abraão permaneceu convicto de que Deus era poderoso para cumprir o que havia prometido. E foi essa fé que lhe foi atribuída para justiça.

Há também um contraste interessante. Abraão tinha apenas Sara para compartilhar a promessa e perseverar nela. Israel tinha um povo inteiro para comunhão, encorajamento, culto e instrução, e ainda assim se afastava constantemente do Senhor.

1.4 Mateus 9. 9-13

Jesus não está preocupado com o que os outros irão pensar a respeito da sua conduta. Jesus se compadece e se identifica com os pecadores, e é por eles que veio ao mundo. Ele se senta e come com esses pecadores e os chama para uma vida de arrependimento.

Muitos esperam que a Igreja seja uma comunidade baseada em ideais humanos. Mas ela está mais para um hospital de gente doente. Cristo vem justamente para sarar e curar aqueles que estão enfermos pelo pecado.

Que da mesma forma nós possamos reconhecer os nossos pecados, e que “ele graciosamente abra nossos ouvidos e nossos corações para ouvir o seu chamado e segui-lo com fé, para que possamos festejar com ele eternamente em seu Reino” (Oração do Dia).

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PERÍCOPE

No Livro de Oséias, Israel é retratado como a esposa adúltera que é restaurada e perdoada, enquanto Deus aparece como o marido traído. A própria vida de Oséias faz parte dessa mensagem, tanto que o profeta é instruído a se casar com uma mulher infiel para dramatizar a infidelidade e o pecado de Israel diante do Senhor. Ainda assim, mesmo diante da traição do seu povo, Deus continua chamando Israel ao arrependimento e prometendo restauração. Esta é uma das mais belas imagens do amor de Deus pelo pecador em todo o Antigo Testamento.

O profeta está inserido em um período no qual Israel vivia relativa prosperidade econômica, estabilidade militar e sensação de segurança, especialmente durante o governo de Jeroboão II, que reinou por cerca de 41 anos no Reino do Norte. Contudo, por trás dessa aparência de estabilidade, havia uma profunda decadência moral e espiritual. Reis, líderes religiosos e o próprio povo haviam se afastado do Senhor. A idolatria, a corrupção e a injustiça social tornaram-se marcas daquele período.

Há uma forte repreensão do profeta contra os líderes de Israel por conduzirem o povo à corrupção e ao afastamento de Deus. Após a morte de Jeroboão II, o reino mergulhou em intensas disputas por poder e instabilidade política, caminhando rapidamente para o enfraquecimento que culminaria no exílio assírio em 722 a.C.

3 APROFUNDAMENTO BÍBLICO

Do capítulo 4 até o 6, Deus declara Israel culpado por se afastar da aliança com Ele.

3.1 Oséias 5.15

v.15 - “Irei e voltarei ao meu lugar”. O povo buscou ajuda em alianças com o Egito e a Assíria. Cedeu aos encantos de Baal e ao culto pagão, além de toda a imoralidade sexual. Deus temporariamente irá retirar seu favor e auxílio, com a finalidade de que venham a se arrepender. Ele os irá ferir com disciplina através da Assíria.

v.15 - “até que se reconheçam culpados”. A Lei como espelho aparece aqui. O objetivo da disciplina de Deus é apontar o erro do seu povo para que sintam pesar e contrição. É preciso que reflitam no que erraram e no porquê estão errados. Idolatria, imoralidade sexual e até mesmo os cultos pagãos não podem ser normalizados dentro do povo de Deus. Além disso, o Senhor os faz lembrar do tempo em que era bom tê-lo ao seu lado e viver na sua presença. A ausência de Deus indica também a ausência das suas bênçãos físicas e espirituais.

v.15 - “e busquem a minha face”. Deus virou a sua face do seu povo por causa do pecado deles. Melhor dizendo, retirou o seu favor sobre o povo. Mas aqui também aparece a promessa. Deus não desamparou seu povo por completo. Assim como após a queda de Adão Deus deixou uma promessa, também aqui o povo tem ao que se agarrar. Eles têm a promessa de que, se voltarem a buscar a face de Deus, tendo nele sua única aliança, sua única fonte de salvação e seu único objeto de confiança, Deus irá restaurá-los. O “até que” também aponta para o Evangelho. Um detalhe interessante é a conexão com a bênção final em nossos cultos: “O Senhor levante o seu rosto sobre ti”, ou seja, que ele não retire o seu favor e auxílio de nós.

v.15 - “estando eles angustiados, eles me buscarão ansiosamente”. A disciplina de Deus aqui não aparece como destruição, mas como correção. Assim como um médico precisa fazer um corte profundo, que fere a pele para uma cirurgia que restabeleça o seu paciente, assim Deus está ferindo o seu povo para que ele seja restabelecido e curado. A aflição não é apresentada como abandono definitivo, mas como um chamado ao arrependimento e ao retorno. A promessa aqui também é ampliada. Não parte apenas de uma possibilidade ou mera escolha do povo, mas de uma certeza que Deus estabelece. Deus deixa claro que o seu povo irá buscá-lo. Mesmo em meio à disciplina, o Senhor continua conduzindo a história do seu povo para o arrependimento e para a restauração.

3.2 Oséias 6.1-6

v.1 - “Venham e voltemos para o Senhor”. Aqui se tem um arrependimento comunitário e uma confissão de pecados comunitária. O próprio Deus parece colocar as palavras na boca do seu povo. Para que isso chegue a essa finalidade, deve haver encorajamento mútuo entre o povo de Deus, onde um auxilie o outro e ajude o próximo a buscar ao Senhor. O apóstolo João nos lembra: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1Jo 1.9).

v.1 - “Porque ele nos despedaçou, mas vai nos curar; ele nos feriu, mas vai atar as feridas”. Juntos, eles reconhecem que o poder que os feriu não provém simplesmente da Assíria, mas do próprio Deus. É Deus quem fere, mas ao mesmo tempo reconhecem que é Deus quem cura. O “Devemos temer e amar a Deus e confiar nele acima de todas as coisas”, de Catecismo Menor, aparece aqui. Temer a Deus envolve reverência diante da sua grandeza e do seu poder, inclusive o poder de disciplinar. Mas o amor e a confiança chamam atenção justamente para o fato de que, por sua grandeza e poder, Ele é o único que pode verdadeiramente nos defender daquilo que nos fere e restaurar as nossas feridas.

v.2 - “Depois de dois dias nos dará vida, ao terceiro dia nos ressuscitará, e viveremos diante dele”. O versículo posterior mostra que Oséias fala tanto para Efraim, o Reino do Norte, como para Judá, o Reino do Sul. No entanto, é do Reino do Sul que temos maior precisão histórica sobre o período do exílio. O exílio babilônico de Judá durou cerca de 70 anos, até que Ciro, o Grande, rei da Pérsia, foi instrumento de Deus para permitir o retorno do povo. Neste trecho, porém, o profeta parece ir além de uma simples restauração política nacional.

A linguagem aponta também para uma restauração espiritual. O profeta parece deixar de lado a questão do exílio e passa a apontar para Cristo, sua morte e ressurreição ao terceiro dia. Nele está a verdadeira salvação e a liberdade para uma nova vida. Pelo Batismo, somos unidos à morte e à ressurreição de Cristo, conforme a Epístola aos Romanos 6.4-6. Por isso, podemos dizer que, quando Cristo ressuscitou ao terceiro dia, nós também fomos levantados para uma nova vida nele.

v.3 - “Conheçamos e prossigamos em conhecer o Senhor!”. Aqui aparece o chamado de Deus para que o povo não ignore o conhecimento dele. Livro de Oséias 4.6 já deixa claro um dos motivos que levaram o povo à disciplina do Senhor: “O meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento [de Deus]”. A partir da salvação, Deus chama o seu povo para permanecer e viver nele. Isso também significa guardar a Palavra de Deus no coração e meditar nela dia e noite para crescer no conhecimento do Senhor (Sl 1.2).

Aqui também podemos refletir sobre o Terceiro Mandamento, sobre Santificar o Dia do Descanso. Martinho Lutero explica no Catecismo Menor: “Devemos temer e amar a Deus e, portanto, não desprezar a pregação e a sua Palavra, mas considerá-la santa, gostar de ouvi-la e estudá-la”. O conhecimento de Deus não é apenas intelectual, mas uma vida moldada pela Palavra e conduzida pela comunhão com Ele.

v.3 - “Como o amanhecer, a sua vinda é certa; ele descerá sobre nós como a chuva, como a chuva fora de época que rega a terra”. Aqui há um convite à espera de Deus. É uma poesia que proclama a vinda do Senhor. O advento do Senhor é belo como o nascer do sol. Esperamos no Nele assim como o agricultor anseia pela chuva em tempo de seca. A vinda

do Senhor traz paz, consolo e segurança. A imagem da chuva também nos lembra fertilidade e vida. Assim, a vida e a obra de Cristo, que veio para nos redimir, nos regam com suas bênçãos. E essas bênçãos geram frutos em nossa vida, frutos de fé e boas obras. Assim como a chuva cai sobre a terra seca e a faz florescer, Deus também visita o seu povo com graça e misericórdia para restaurá-lo e sustentá-lo.

v.4 - “Que farei com você, Efraim? Que farei com você, Judá?” O profeta, falando em nome do Senhor, após lembrar da bondade e das bênçãos de Deus, volta à repreensão. O povo ainda está longe do Senhor. Tanto o Reino do Norte, Efraim, quanto o Reino do Sul, Judá, permanecem endurecidos e resistentes ao verdadeiro arrependimento. Mesmo diante de tantas bênçãos vindas da parte de Deus, inclinaram seus corações para Baal, para a idolatria e para a imoralidade.

v.4 - “Porque o amor de vocês é como a névoa da manhã e como o orvalho da madrugada, que logo desaparece”. O amor do povo para com Deus é superficial e passageiro. O povo se interessa por Deus apenas quando isso lhe convém. É preciso amar o Deus das bênçãos, e não apenas as bênçãos de Deus. Aqui também podemos refletir sobre como teologias retributivas, como a teologia da prosperidade e discursos triunfalistas, podem alimentar o desejo pelas bênçãos de Deus sem necessariamente conduzir ao verdadeiro amor, temor e arrependimento diante dele. O coração humano facilmente é guiado por aquilo que mais o seduz e promete satisfação imediata.

v.5 - “Por isso, eu os abati por meio dos profetas, eu os matei com as palavras da minha boca, e os meus juízos sairão como a luz”. A Palavra de Deus é performativa. Deus fala e as coisas vêm a ser. Isso vale tanto para as suas bênçãos quanto para o seu juízo. O povo de Deus não deu valor à sua bondade e misericórdia. Muito menos à repreensão que veio através da boca dos profetas. Agora terão de enfrentar o seu juízo.

Ao mesmo tempo, mesmo em meio ao juízo, o povo ainda deve se apegar à promessa de restauração feita pelo próprio Deus. A mesma Palavra que fere também cura. A mesma Palavra que anuncia juízo também anuncia esperança para aqueles que retornam ao Senhor. É essa promessa que sustenta o povo mesmo diante do exílio e da disciplina de Deus.

v.6 - “Pois quero misericórdia e não sacrifício”. Os sacrifícios não eram ruins em si mesmos, mas faltava sinceridade de coração. É possível lembrar da história de Caim e Abel. Qual oferta agradou a Deus e qual não agradou, e por quê? Deus está cansado de um culto desconexo da vida e até mesmo vice-versa. Como na analogia da prostituta presente no próprio livro, o povo queria as bênçãos do casamento com Deus, mas o traía constantemente. O povo sacrificava animais, mas ao mesmo tempo oprimia uns aos outros e cometia imoralidade sexual.

É preciso misericórdia. Assim também é em nossa vida. Dentro da família deve haver amor e fidelidade entre marido e esposa. Os filhos devem honrar seus pais. Entre empresários e funcionários, cada um deve agir com honestidade e lealdade. A vida fora da igreja deve estar alinhada com aquilo que Deus nos entrega em sua Palavra e Sacramentos durante o culto.

v.6 - “E o conhecimento de Deus mais do que holocaustos”. Novamente aparece o apelo ao Primeiro Mandamento. É preciso temer, amar e confiar em Deus acima de todas as coisas. E devemos orar para que o Reino de Deus venha entre nós e para que a vontade dele seja feita. Nossos sacrifícios de louvor e adoração decorrem do verdadeiro conhecimento de Deus e devem estar alinhados com a confiança em Cristo e com a vontade do Senhor. Deus despreza a hipocrisia. Agir de maneira tão petulante é viver como se Deus não visse o coração humano. É não conhecer verdadeiramente quem Deus é e qual é a sua vontade.

4 ASPECTOS PRÁTICOS

Uma maneira dinâmica para lidar com o sermão é se aproveitar da história do Livro de Oséias e seu casamento para ilustrar a relação entre Deus e o seu povo. O tema da infidelidade pode ser encarado como tema de Lei. Ao tratarmos da nossa infidelidade diante de Deus, podemos trabalhar ideias de como isso acontece. Primariamente, pensar a relação

entre culto e vida cristã. Por exemplo, abordar como a idolatria aparece em nossa vida. Pensar em imagens de como outras formas de infidelidade surgem: na hipocrisia dentro dos relacionamentos, nas mentiras, no deboche e até mesmo no desprezo. Assim podemos falar também do desprezo e deboche pela Palavra e pelas coisas santas, na maneira como agimos com o nosso próximo dentro da família e no trabalho.

O Evangelho está na maneira como Deus recebe de volta e perdoa o seu povo, mesmo agindo de maneira contrária à sua vontade. Confissão e Absolvição são temas interessantes de serem comentados, especialmente como o reconhecimento do pecado e o anúncio concreto do perdão de Deus. O Batismo pode ser lembrado como Deus afirmando a sua fidelidade sobre nossa vida, apesar de quem somos. Nossa esperança não está na perfeição da nossa fidelidade, mas na fidelidade de Deus para com o seu povo. No entanto, esta é uma forma de aproveitar o livro de Oséias como um todo.

Talvez, mais restrito à perícopes de Oséias 5.15-6.6, seja interessante lidar com as aflições como tempo de reflexão e como um chamado a olharmos para cima (em direção a Cristo) no exercício da esperança. Uma sugestão, no entanto, é não usar isso para afirmar o sofrimento como consequência direta de um pecado atual ou específico. O texto parece caminhar mais na direção de Deus utilizando até mesmo a dor para chamar o seu povo ao arrependimento e à restauração.

Outras pessoas dizem que é fácil ser cristão quando tudo está bem. Mas e quando não está? Isso significa que Deus nos abandonou? Aqui, a Teologia da Cruz pode oferecer um enfoque muito interessante. Deus continua sendo Deus mesmo em meio ao sofrimento. E muitas vezes é justamente na aflição que ele confronta nossas falsas seguranças, conduz ao arrependimento e nos ensina a esperar nele. Inclusive, Oséias mostra que Deus não deseja apenas manifestações religiosas exteriores: “misericórdia quero, e não sacrifício”. Ou seja, não basta aparência de piedade. Deus deseja um coração que confia nele e vive essa fé também no amor ao próximo.

4.1 Sugestões Homiléticas

a) O cristão em tempos de aflição

A correria do dia a dia, as metas a serem cumpridas, as riquezas acumuladas e a praticidade de se obter comida no supermercado podem nos dar a sensação de que tudo vem de nós e que tudo está sob controle. As dietas, a academia e certo *lifestyle*, em si mesmos, não são ruins. Contudo, muitas vezes aparentam ser a solução para todos os problemas da vida e alimentam uma falsa sensação de segurança. Porém, existem coisas que não podemos controlar. O luto e alguma enfermidade podem servir como um chamado de Deus para direcionarmos nossos pensamentos a Ele. Muitas vezes só percebemos nossa fragilidade quando aquilo que não controlamos aparece (Tg 4.14).

b) O consolo que vêm da comunidade. “Venham e voltemos para o Senhor” (Os 6.1)

O Livro de Oséias tem muito claro em sua mensagem que o coletivo pode induzir o indivíduo ao erro, e isso não significa que o indivíduo seja inocentado de sua ignorância. Mas ao mesmo tempo, a comunidade pode carregar a cruz do seu irmão (Gl 6.2). Aqui não é o chamado de um irmão em posição de julgamento, como os amigos de Jó fizeram. Aqui é o irmão, a comunidade, se colocando no lugar daquele que sofre, indo em direção a ele para lhe dar esperança e consolo através da mensagem do Senhor Jesus Cristo. A cruz do irmão pode ser mais leve quando carregada junto com aqueles que estão com ele. Lembramos que uma comunidade não é baseada em ideais. Pelo contrário, é Cristo quem cria e sustenta a comunidade. E é Ele quem a direciona para olhar para os que sofrem.

c) A promessa de cura e novo amanhecer (Os 6.3)

Uma vez que é Cristo quem cria a comunidade, Ele deve ser o centro da nossa reflexão. Ainda que estejamos em aflição, as promessas do Santo Batismo permanecem conosco (Rm 6.3-5). O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã (Sl 30.5). Paulo nos lembra que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós (Rm 8.18). A Parousia de Cristo é um novo amanhecer. Um amanhecer sem dor, sem luto e sem aflições (Ap 21.4). Como o próprio Oséias anuncia, o Senhor virá como a alva (Os 6.3). Nossa esperança não está na ausência de sofrimento neste tempo presente, mas na fidelidade de Deus, que permanece conosco mesmo em meio à cruz. Talvez algo que possa ficar em evidência seja que não chegamos a Deus através do sofrimento, mas ele que desce como chuva até nós trazendo o consolo.

CONCLUSÃO

Deus não abandona o seu povo. Por isso, a Igreja continua caminhando, mesmo em meio às aflições, confiando nas promessas do Senhor. Assim como Israel foi chamado a retornar ao Senhor, nós também somos diariamente chamados ao arrependimento e à confiança em Cristo. Sem vacilar, possamos nos inspirando em Abraão e São Mateus respondendo o chamado de Cristo e segui-lo até o fim. Ainda que andemos pelo vale da sombra da morte, Deus está conosco. Ele é a nossa cura, alívio e descanso. Que o Espírito Santo dê força e coragem a cada um de nós.

Rev. Marcelo Bayer
Bonito, MS.